

MÍRIAM TIRADO

O MEU NOME É
GOA

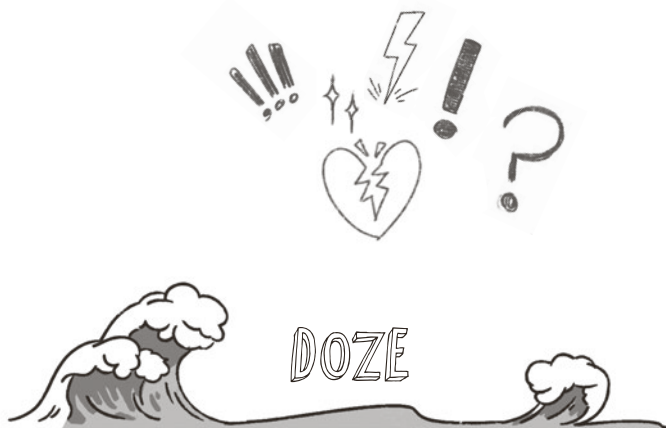


ILUSTRAÇÕES DE
SHEILA
DE LA MAZA

O DIA EM
QUE O MUNDO
PAROU

nuvem
de letras

*Para a Laia e a Lua.
Para que saibam sempre surfar
as ondas e aproveitá-las.*



Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze... Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze... Sim, havia **DOZE** velas. Goa contava-as sempre porque tinha medo de que os pais se tivessem enganado, e ela não queria soprar nem mais nem menos do que as velas correspondentes aos anos que fazia naquele dia. Exatamente doze. Doze anos.

— **Pede um desejo!** — disse Júlia, a mãe, que estava de pé à sua frente, pronta para tirar uma fotografia com o telemóvel quando ela soprasse as velas.

Estavam no quintal de casa, que era pequeno e tinha uma parreira gigante que trepava pela parede. Estava um dia espetacular: nem frio nem calor, mas com um céu limpo que convidava a ficar





ao ar livre. Era dia 25 de abril, para sermos mais exatos, e notava-se no ambiente que já faltava pouco para o verão. A casa de Goa era das antigas, daquelas que ainda não tinham sido demolidas para construir um prédio novo de oito andares, e que sobreviviam nas cidades sem ninguém saber bem como. Mas era acolhedora. Estava decorada com bom gosto e, apesar de ser pequena, tinha algo que Júlia, que a tinha comprado há tantos anos, antes de ter Goa, adorava. Naquele dia, no quintal, toda a gente olhava para a menina de cabelo encaracolado e óculos azul-marinhos, com aquela cara que as pessoas fazem nos aniversários quando alguém está prestes a apagar as velas.

Que vergonha!, pensou Goa, que não ia conseguir escapar às 30 fotografias que a mãe estava prestes a tirar-lhe. Fechou os olhos e começou a pensar. Como era difícil escolher apenas um desejo! **Porque é que tinha de ser só um e não três?** Ou quatro, já agora! Afinal, se desejar era grátis, porquê limitar-se a apenas um?

Sempre lhe tinha custado escolher. Antes de decidir, pensava em todas as variáveis do mundo e, por isso, ainda lhe custava mais optar por uma. Começou a ter este problema quando era pequena e, embora já fosse mais crescida e conseguisse gerir





melhor algumas coisas, ainda achava difícil tomar decisões. Naquele momento, com o bolo à sua frente e rodeada de vozes que diziam: «Vá lá, Goa, as velas vão derreter em cima do bolo!», ainda tinha mais dificuldade em escolher um desejo. Mas, de repente, tudo se tornou claro e, com os olhos bem fechados atrás dos óculos azul-marinhos, desejou: **Que volte tudo a ser como antes.** Inspirou fundo e soprou com força, desejando que a mãe não se tivesse enganado e tivesse posto uma daquelas velas infernais que se acendem sem parar. Mas não, apagou-as todas de uma vez.

Por favor,
por favor!

— **Que desejo pediste?** — perguntou-lhe o primo Paulo, que era três anos mais novo, usava sempre boné e tinha o nariz cheio de sardas.

— Não te posso dizer, porque, caso contrário, não se concretiza.

— E, se não mo disseres, concretiza-se?

Goa não respondeu, porque não sabia. O primo tinha o dom de fazer sempre perguntas difíceis e isso deixava-a muito nervosa. Olhou à sua volta e achou que aquele desejo, em que tinha pensado segundos antes, era muito difícil de se concretizar.

Porque antes as coisas eram muuuuuuuuito diferentes.





Goa era uma miúda um pouco mais alta do que as amigas e usava sempre o cabelo solto. Como o tinha muito encaracolado, às vezes fazia rastas e, no final, tinha de as cortar com uma tesoura. Só prendia o cabelo nos dias em que tinha Educação Física, e aí a sua amiga Ana dizia-lhe: **«Estás tão gira com rabo de cavalo! Porque é que não o fazes mais vezes?»** Mas ela gostava de usar o cabelo solto e, se tivesse podido escolher, teria preferido cabelo liso, que não lhe daria tanto trabalho. Era castanho-claro e, às vezes, dependendo de como o sol lhe batia, parecia ter reflexos. Gostava de vestir roupas largas, especialmente desde que começou a crescer e a notar-se que tinha peito. **Sentia-se estranha, por isso gostava de usar camisolas largas e coloridas**, com mensagens que escondessem

GRRRR!



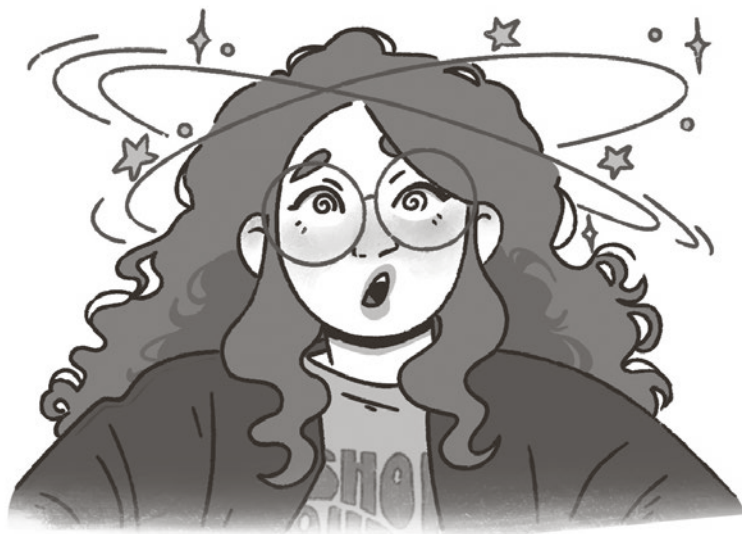
aquilo que estava a crescer. Sempre foi uma miúda alegre. Tímida em ambientes onde não se sentia segura, mas extrovertida e desinibida quando estava com gente de confiança. Claro que, desde o dia do sofá... a alegria de antes tinha diminuído um pouco.

Nunca se esquecerá do dia em que a mãe e o pai, um ano e meio antes, a fizeram sentar-se no sofá de casa e soltaram a bomba: **«Temos de te contar uma coisa. A tua mãe e eu percebemos que, vivendo juntos, já não somos felizes e decidimos separar-nos. Mas seremos sempre os teus pais e continuaremos a ser uma família.»**

Alberto era um homem não muito alto e, embora fosse bastante forte, tinha barriguinha. Aquele foi o primeiro dia em que Goa ouviu a voz dele meio quebrada e o viu vulnerável como nunca tinha visto antes. **A mãe deixava-o falar e, entretanto, desviava o olhar, tentando conter as lágrimas.** Por mais que lhe dissessem que assim tudo seria melhor, pela cara de tristeza que faziam, Goa achava o contrário.

Sabes quando, nas personagens de desenhos animados, o protagonista leva um encontrão enorme, cai no chão e aparecem desenhos em cima da cabeça dele? Assim ficou Goa: atordoadada,

sem saber o que fazer. «Fala, diz alguma coisa», pediu Júlia, com uma expressão preocupada, depois de lhe dar a notícia. Mas o que é que queriam que ela dissesse, se ainda estava ali, abanada, com passarinhos a voar à sua volta?



Aconteceu tudo muito depressa, e, quando ainda nem tinha assimilado a notícia, Alberto já vivia noutra casa. Por isso, Goa, em poucas semanas, passou a ter duas casas (dois quartos, duas escovas de dentes, duas secretárias, duas camas, etc.) e teve de comprar uma **mala para mudar de casa com frequência.**

Que seca!



— **Vão separar-se? Ah, não te preocupes, isso não é assim tão mau!** Quando tiveres dúvidas, pergunta-me, que eu sou cinturão negro em separações! — disse a amiga Ana, que tinha os pais separados desde sempre.





Ela estava permanentemente a brincar e parecia não levar nada a sério, ao contrário de Goa, que tinha as emoções sempre à flor da pele.

Talvez por isso se entendessem tão bem, porque se equilibravam.



Ana era a esperança em pessoa. Tinha cabelo negro e ondulado, caindo-lhe um pouco abaixo dos ombros, e prendia-o com frequência. Usava ganchos e elásticos e gostava de fazer penteados na aula, quando se aborrecia. Tinha olhos verdes e ouvia menos de um ouvido do que do outro. «Talvez um dia tenham de me pôr uns aparelhos», dizia ela, por isso nunca cortava o cabelo, porque, se um dia precisasse, cobriria as orelhas.

Quando Alberto e Júlia disseram a Goa que se iam separar, ela foi para o seu quarto. Também era pequeno, como o quintal e a sala de jantar, mas era muito acolhedor e estava decorado com um bom gosto que muitas *influencers* desejariam ter, pensava sempre. Como não tinha telemóvel (os pais diziam que tinha de esperar, mas nunca detalhavam até quando), pegou no tablet que lhe tinham comprado na pandemia para acompanhar as aulas e começou o que, a partir daí, seria o seu diário. **Um diário gravado**, porque escrever num papel parecia de outra época.

Por isso, queria pintá-lo de branco!

Colocou-se diante da câmara e disse baixinho:

• REC



Odeio os meus pais. Porque é que me chamaram Goa? Quem é que se chama Goa? Ninguém. Só eu, que tive o azar de ter uns pais *hippies*, que se apaixonaram numa praia abandonada na Índia, onde decidiram que teriam uma filha. Por mim, podiam ter ficado em Goa. Podiam ter-me chamado Maria, Laura ou Alberta... Mas não, tinham de me dar um nome bem estranho, que vou passar o resto dos meus dias a soletrar:

G de «Grandes idiotas»,
O de «Oh, que treta do caraças» e
A de «Andor, vão à fava!».



Nunca lhes vou perdoar por isso, juro... Que treta...
Que grande treta!



AUTO

Agora, um ano e meio mais tarde, já habituada a andar de um lado para o outro com a mala, percebia que o que mais desejava era que tudo voltasse a ser como antes. **Como antes daquele dia no sofá de casa, como antes de sonhar com o mar.**





Desde o dia em que os pais lhe disseram que se iam separar, Goa não parava de sonhar com o mar. Mais concretamente, sonhava com água, muita água. Às vezes havia ondas, outras vezes sonhava que ia num barco pequeno, a bordo do *Titanic*, numa canoa, ou só com uma boia diminuta... **Quando Goa achava que já tinha sonhado com todas as versões do mar possíveis, tinha um sonho novo, com mais ondas e mais água. E já estava farta de sonhar todas as noites com o mesmo.**



Tanto que já nem falava disso com ninguém. Primeiro, porque pensar no assunto de novo a fazia sofrer e recordar as sensações desagradáveis que tinha sentido, e, depois, porque, quando contava, ninguém lhe dizia nada que a ajudasse. Ela queria que alguém lhe dissesse o que podia fazer

Sempre o mesmo!

para deixar de sonhar com o mar, mas essa pessoa nunca chegava.

Ana, que sabia tudo sobre ela, perguntava-lhe de manhã, ao chegar à escola:

- Então? Hoje ias de canoa ou de gaivota?

E ria-se um pouco, mas Goa respondia-lhe sempre o mesmo.

— Quem te dera teres sonhos tão fixos como os meus!

Porque Ana nunca sonhava. Bem, supostamente sonhava, mas nunca se lembrava dos sonhos que tinha, e isso dava-lhe uma raiva enorme. No fundo, gostava de viver as experiências no mar que Goa lhe tinha contado algumas vezes. Mas não funcionava. Acordava e já não se lembrava de nada.

Como o verão estava a chegar, Júlia tinha sugerido passarem as férias numa das ilhas das Baleares (ainda não sabiam qual) e fazer a viagem de barco. Goa estava muito entusiasmada, porque uma das coisas de que mais gostava era viajar, mas, ao pensar nisso, sentia um misto de medo e curiosidade. **E se algum dos sonhos desagradáveis se tornasse realidade? Não, isso era impossível. E... como seria ver o mar depois de tanto sonhar com ele? Então, fez uma lista de coisas que gostaria que acontecessem no barco, para ter menos medo e mais vontade de ir.**

COISAS FIXES QUE ME PODEM ACONTECER NO BARCO:

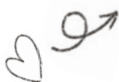
* ENCONTRAR uma nota de DEZ EUROS no
CHÃO e PODER comprar o que quisesse
QUANDO CHEGASSE à ILHA.



* ENCONTRAR a GINA MONTORI, a MINHA
CANTORA PREFERIDA DO MUNDO! EMBORA
NÃO LHE PEDISSE PARA TIRAR uma
FOTOGRAFIA COMIGO, PORQUE FICARIA
ENVERGONHADA, SÓ DE A VER JÁ
SERIA O MÁXIMO.



* IR ao convés e ver um grupo de DEZ
GOLFINHOS a vir cumprimentar-me.
IA SER MESMO FIXE!



* CONHECER uma senhora muito simpática
que quisesse oferecer-me um telemóvel.
SIM, AQUELE que os meus pais disseram
que não me iam dar até eu ser
MUITO mais velha!



GYYYYYYYYY...



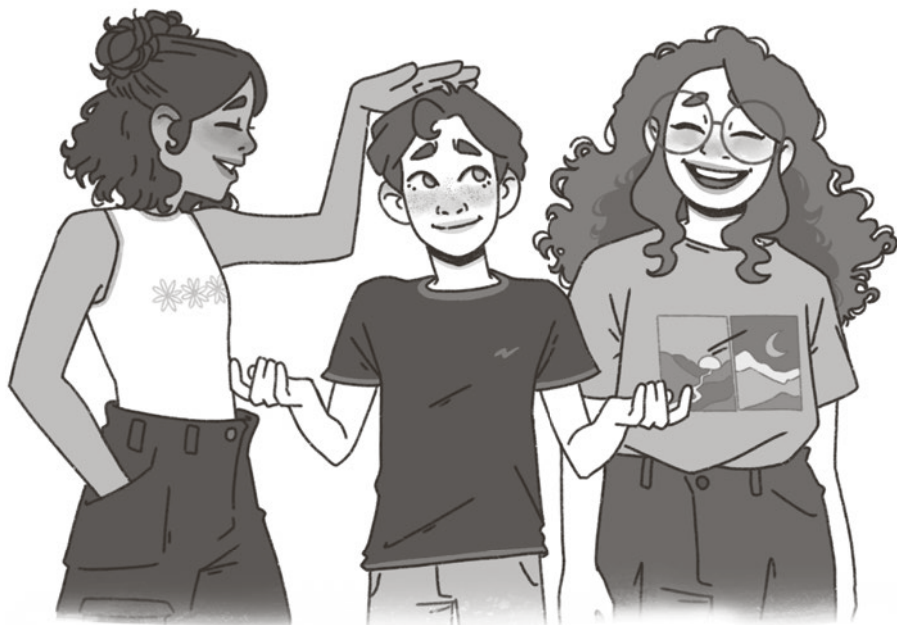
OS AMIGOS

Ana era, sem dúvida, a sua melhor amiga, e Goa acreditava que era a única pessoa que nunca lhe tinha chamado «Boa» para a irritar (como faziam algumas crianças na turma quando queriam chateá-la, cantando: **«Boa Constrictor, Boa Constrictor.»**). De facto, Ana não era a única, embora os outros fossem muito menos amigos do que ela.

Havia Bru, que não se chamava Bru, mas toda a gente lhe chamava assim porque era da antiga Casa dos Bru, uma antiga quinta que a cidade tinha engolido. Era enfezado e parecia ter um ano a menos do que as amigas. Ele dizia sempre: **«Um dia vou crescer e ser mais alto do que vocês.»** Mas elas gostavam dele como era e não queriam que mudasse. Achavam-no a pessoa mais divertida e bondosa de toda a turma e admiravam a sua



Ele é o melhor!



agilidade no *parkour*, educação física e tudo o que envolvesse saltar e escalar.

Além de Bru, também havia Nádia, que era inteligente e sempre a primeira da turma (curiosamente, o nome dela, em árabe, significava «a primeira»). **Nádia tinha o cabelo muito encaracolado e usava-o sempre apanhado em trancinhas ou outros penteados que a mãe lhe fazia.** Puxava-lhe tanto o cabelo quando o apanhava aos domingos que, na segunda-feira, a pobre rapariga dizia sempre que lhe doía a cabeça. Tinha os olhos e o nariz grandes, pele negra, e aparecera-lhe a menstruação



no 5.º ano, quando ainda ninguém a tinha. Sofreu muito nessa altura, e Ana e Goa não souberam como ajudá-la.



A definição que Goa fez, um dia, no seu video-diário, de cada um dos amigos foi esta:

vlogues •

ANA: É a minha melhor amiga. Não sei o que faria sem ela! Apesar de ter vindo para esta escola há apenas dois anos, parece que a conheço desde sempre. Ela faz-me rir como ninguém!

BRU: As nossas mães são amigas, e eu e ele somos mais irmãos do que amigos. É curioso porque, com as mães, é o mais desajeitado de todos, mas com o resto do corpo faz verdadeiras maravilhas, e gostamos de o ver fazer *parkour*. Ah, e tem as ideias mais loucas e divertidas do mundo.

NÁDIA: Conhecemo-nos desde o jardim de infância. Não somos íntimas, mas sempre nos ajudamos, e, mesmo que não fale muito, quando o faz, toda a gente a ouve, porque é a mais inteligente de todas.

DAVID: É giro, atrevido, o único rapaz das duas turmas que não gosta de jogar à bola. Só por isso, já simpatizo **MUITO** com ele!





Bem, Goa estava a mentir. Não simpatizava com David só por isso. **Ele era o seu amor platónico** e, apesar de, nesta descrição, o incluir no bando, na verdade, David não pertencia ao seu grupo, embora ela tivesse gostado que assim fosse. Era tão alto como ela, e toda a escola achava que era o mais bonito, e ele sabia disso. Quando andava, fazia-o com segurança e mexia muitas vezes no cabelo castanho-escuro. **Não fazia parte do grupo, mas, de vez em quando, andava com eles.** Como não gostava de futebol, quando os amigos jogavam, ele procurava outro grupo, e, dos do 6.º ano, o de Goa e Ana era aquele de que mais gostava.



Que sorte!



De todos os amigos de Goa, Nádía era a única que não tinha os pais separados. Bem, antes eram Nádía e Goa, mas desde o dia em que a sentaram no sofá para lhe dizerem que, a partir daquele momento, teria duas casas, Nádía era a exceção.

Isso tornava difícil o encontro aos fins de semana, porque, quando Bru não tinha ido com o pai, Ana estava com a mãe nos Pirenéus ou Goa estava na casa do pai. Assim, a forma que tinham de comunicar quando não podiam encontrar-se (o que acontecia quase sempre) era através de mensagens no Instagram ou num jogo de computador



que Ana e Bru jogavam. **Todos, exceto Goa e Bru, tinham telemóvel.**

Além de David (que Goa não tinha tido coragem de convidar), é claro que todos tinham ido à festa para celebrar os seus 12 anos, e, depois de ela ter apagado as velas e de terem comido o bolo de três chocolates, foram para o quarto de Goa.

— **Goa, temos um presente para ti** — disse Bru. ✨ ✨

— Eu pego nele, Bru, ainda o partes! — respondeu Ana com alguma ironia.

— Toma. — Nádia aproximou-se de Goa com um objeto muito bem embrulhado.

Ao abri-lo, viu que era um barco feito com materiais reciclados (ideia de Nádia e Bru), e que lá dentro estavam cinco figuras de barro, sem dúvida feitas por Ana (que era a mais artista de todos).

No bilhete estava escrito:



Para que, quando
sonhares com o mar,
saibas que não estás
sozinha.





Esta frase só podia ser de Ana. Era ela quem conhecia melhor a angústia de Goa com o mar, e era a mais poética de todos.

– **Obrigada! Adoro!**



E, logo a seguir, surgiu o **GRANDE dilema**: em que casa guardaria aquele presente tão especial? Na casa da mãe ou na do pai? **Que chatice!** Chegava sempre este momento... Quando voltava da escola com algum projeto fixe que tinha feito ou quando lhe ofereciam algo para decorar o quarto, ela nunca sabia onde o colocar. O quarto da casa da mãe era demasiado pequeno, mas muito acolhedor, e Goa sentia-o como seu. Pelo contrário, o da casa do pai era mais recente e um pouco maior, sim, mas parecia-lhe frio, sem personalidade, e, ao deixar coisas lá, sentia que estavam fora do lugar.



Sempre que tinha de escolher em que casa guardar um presente, um póster ou qualquer outra coisa, tinha a sensação de que, se deixasse tudo na casa da mãe, o quarto na casa do pai seria menos bonito e talvez nunca se sentisse completamente à vontade lá. Não queria que o pai visse essas diferenças... Mas a casa que sentia mais como sua era aquela onde tinha vivido toda a vida, e não deixar as coisas lá parecia estranho. Uma vez, ofereceram-lhe uma fotografia muito bonita

dela quando era pequena, e, por não saber onde a pôr, deixou-a escondida numa gaveta, dentro do armário. **Problema resolvido, pensou. Não a verei, mas também não me sentirei culpada.**

Porque era isso que acontecia a Goa: ela sentia muitas coisas. Muitas mesmo. Tantas que, por vezes, ficava nervosa e tinha de sair a correr. Como naquele dia, no aniversário das 12 velas.





ANA

O MEU NOME É
GOA



O meu nome é Goa. Eu sei... Que nome!

O meu mundo está de pernas para o ar: desde que os meus pais se separaram, **a minha vida nunca mais parou de mudar.**

Nunca pensei que ter 12 anos fosse tão complicado...
A sério, não podia voltar tudo a ser como antes?
Vida, dá-me descanso!

Miriam Tirado, autora de *O fio invisível*, aventura-se no **mundo da adolescência** com esta coleção cheia de **humor** e **sensibilidade**.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

penguinlivros.pt
penguinkidspt

ISBN: 978-989-589-876-3



9 789895 898763